

“Essas pretinhas intrusas que não se aquietam”: os efeitos psicossociais do racismo sofrido por mulheres negras e nordestinas que moram no oeste de Santa Catarina

RESUMO

O Sul do Brasil, especificamente o oeste de Santa Catarina, por ser composto por uma população majoritariamente branca, é cenário de inúmeras manifestações do racismo em nossa cultura, articulado igualmente com as desigualdades de gênero e a xenofobia. Este estudo objetivou compreender os efeitos psicossociais do racismo sofrido por mulheres nordestinas que moram no Oeste de Santa Catarina, observando o processo de colonização e as possibilidades de enfrentamento desta realidade no contexto local. O processo de pesquisa envolveu entrevistas em profundidade com 4 mulheres negras e nordestinas, que moram em cidades do oeste catarinense, sendo a análise e discussão dos dados a partir do método psicanalítico. De modo geral pode-se observar que os padrões normativos de branquitude impactam na subjetividade e nas relações que estas mulheres mantêm com a realidade social, ocasionando efeitos de negação e rejeição do corpo negro, mas também configuram modos de visibilidade e resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Efeitos psicossociais. Mulheres nordestinas. Psicanálise.

Erika Fernanda Köfer

E-mail: erykafernanda12@hotmail.com
Universidade do Oeste de Santa Catarina, Pinhalzinho, Santa Catarina, Brasil

Anderson Luis Schuck

E-mail: anderson.schuck@unoesc.edu.br
Universidade do Oeste de Santa Catarina, Pinhalzinho, Santa Catarina, Brasil

Ana Paula Risson

E-mail: annarisson@gmail.com
Universidade do Oeste de Santa Catarina, Pinhalzinho, Santa Catarina, Brasil

Álvaro Cielo Mahl

E-mail: psicologia.pzo@unoesc.edu.br
Universidade do Oeste de Santa Catarina, Pinhalzinho, Santa Catarina, Brasil

INTRODUÇÃO

Historicamente, acompanhamos a constituição de estereótipos negativos associados aos negros. À medida que este fenômeno avança, reafirmamos uma atmosfera de inferiorização desta população. Tal questão pode impactar diretamente na vivência de sua identidade, gerar efeitos psicossociais diversos, ocasionar modos de sofrimento étnicos e políticos e interferir em sua saúde.

Na Declaração da III Conferência Mundial contra o Racismo, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, da Organização das Nações Unidas (ONU), ocorrida em 2001, verifica-se tal preocupação:

Estamos convencidos de que racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata revelam-se de maneira diferenciada para mulheres e meninas, e podem estar entre os fatores que levam a uma deterioração de sua condição de vida, à pobreza, à violência, às múltiplas formas de discriminação e à limitação ou negação de seus direitos humanos. (parágrafo nº 69).

Com isso, percebe-se que permanece uma multiplicidade de formas de preconceitos atreladas às questões raciais, fundamentadas em conceitos carregados de relações de poder sobre as diferenças culturais, biológicas e sociais. Para tanto, é necessário problematizar essa naturalidade que fundamenta o racismo e o discurso da supremacia racial, sendo fundamental apontar que o racismo é um problema atual e historicamente construído, se reproduz nos hábitos da cultura local e acarreta vários modos de opressão aos/às negros/as.

Lia Vainer Schucman (2014) e Santos et al. (2015) compreendem que no Brasil a raça, ao lado de gênero e classe social, é uma categoria que diferencia, hierarquiza e localiza os indivíduos e grupos na sociedade. Este processo de diferenciação entre brancos e negros é uma construção social, com origens no passado escravagista do Brasil.

Embora o Brasil tenha apresentado melhorias na condição de vida da população negra nos últimos anos, ela:

ainda têm os mais baixos índices de escolaridade, habitam as regiões mais periféricas e degradadas das grandes e médias cidades, ocupam os postos de trabalho com pouca ou sem qualificação e, conseqüentemente, com menos remuneração (TELLA, 2008, p. 154).

Esta pesquisa foi desenvolvida dentro deste contexto nacional, marcado por questões étnicas raciais, e em uma região interiorana do estado de Santa Catarina, onde estes caracteres são intensificados. Neste Estado, foi oferecido às negras e aos negros a invisibilidade historiográfica, uma vez que “os meios de comunicação vêm construindo uma imagem de loira catarina, um pedaço da Europa no Sul do Brasil” (PEDRO et al., 1996, p. 233). Não foi dado ao/à negro/a em Santa Catarina vias de expressão de sua cidadania, e que devido a esta ausência a população se enquadra em categorias pouco representativas.

Frente a este cenário, apresentam-se possibilidades de enfretamento do racismo na cultura local, uma vez que tal problemática gera atravessamentos na

forma como as mulheres negras ocupam determinados lugares relacionais, afetivos e de trabalho na sociedade, principalmente quando estes espaços são atribuídos e qualificados para mulheres brancas.

Tal contexto histórico, social e cultural nos provocou para as seguintes reflexões: que vivências as pessoas negras têm de sua identidade em um contexto marcado pela desvalorização? Quais os efeitos psicossociais que recaem a essa parte da população? Como é se identificar como mulher e negra convivendo em um contexto marcado pelo racismo? Partindo destes questionamentos é que discutimos as manifestações do racismo historiográfico, da invisibilidade velada e da tal democracia racial, tão falada, mas que camufla um racismo internalizado.

Ao considerar estes questionamentos, e partir das vivências da primeira autora deste artigo, de uma mulher negra e maranhense, atualmente morando no Oeste de Santa Catarina, inquieta por sentir-se “intrusa” por morar na região, foi que construímos esta proposta de estudo, que objetivou compreender os efeitos psicossociais do racismo para mulheres que se identificam como negras e nordestinas, que residem no Oeste Catarinense.

PROCESSOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa optamos pela abordagem psicanalítica, que se constitui um método específico de pesquisar, no qual o desejo do/a pesquisador/a faz parte da investigação, não enfatizando ou priorizando a interpretação, a teoria por si só, mas integra a teoria, a prática e a pesquisa. O método “não é um a priori da pesquisa, ele faz parte dela, é sempre um caminho provisório para entender uma determinada questão” (FURLAN, 2008, p. 25).

Miriam Rosa (2004, p. 341-342) entende que a escuta psicanalítica é possível também em outros contextos que não a clínica, pois:

o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende.

Segundo Juliana Corrêa e Denise Hausen (2007), para a psicanálise o/a pesquisador/a tem uma participação ativa no processo, não devendo ser encarado/a como uma variável a ser controlada. Portanto, considera-se a percepção dos relatos contados a partir de experiências vividas, os ditos, não-ditos, silêncios, num cruzamento entre o objetivo e subjetivo que perpassa a relação entre pesquisador/a e sujeitos da pesquisa.

Garcia-Roza (1993) pontua que a partir deste método deve-se tratar o material permitindo que o texto fale, que ele nos imponha suas questões, seus furos, suas falhas, da mesma forma como fazemos com um paciente, deixando que ele diga a verdade, a verdade do sujeito.

Para a realização desta pesquisa utilizou-se do recurso de entrevistas como forma de abordar o tema proposto e facilitador da associação livre dos discursos, sem buscar respostas ou condições fixas. O roteiro da entrevista foi elaborado de modo a orientar a pesquisadora no diálogo com os sujeitos. As seguintes questões

gerais se estabeleceram neste processo: 1) conte o processo de vir morar no oeste Catarinense; 2) relate acontecimentos que você experienciou sobre racismo na região; 3) que efeitos você percebe na relação consigo e com os outros perpassado pelo racismo?; 4) em que contextos você considera que se configuram diferenças entre homens e mulheres que se identificam como negros/as e vieram morar em uma região historicamente e predominantemente considerada branca?

Ao todo foram entrevistadas quatro mulheres que se identificam como negras, com naturalidade em estados da região Nordeste, e que atualmente moram no Oeste Catarinense, todas selecionadas por conveniência e disponibilidade de participação. Na busca de compreender melhor os efeitos psicossociais do racismo enfrentado pelas participantes foram realizadas duas entrevistas individuais, com duração de aproximadamente 45 minutos com cada participante. O local de realização da entrevista foi a Clínica de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc, Campus de Pinhalzinho, vinculada aos autores deste artigo, visando garantir espaço com sigilo e adequado para a construção de vínculos de confiança.

No momento da transcrição, os nomes das entrevistadas foram preservados, garantindo assim, o sigilo e o tratamento ético, substituídos por nomes de três autoras feministas negras, Angela Davis, Djamila Ribeiro e bell hooks, e por Virginia Bicudo, a primeira autora Psicanalista negra do Brasil. A escolha destes codinomes tem o intuito de ressaltar as lutas enquanto mulheres negras produtoras de conhecimentos e de modos de resistências.

Enfatizamos que na pesquisa psicanalítica o trabalho com a escuta dos múltiplos discursos passa pelo mundo interno de quem promove a pesquisa, fazendo, como sugere Denise Quaresma Silva (2013), uma história que também é a construção da história de seus/suas investigadores/as.

Ressaltamos que além da entrevista utilizamo-nos de registro de observações, com intuito de complementar as informações construídas nos diálogos com as participantes. Desse modo, pudemos registrar as impressões subjetivas, os aspectos informais, os gestos, os comportamentos, que trazem à tona aspectos inconscientes, na forma de expressões emocionais que foram percebidas ao longo do processo.

O processo de análise considerou a perspectiva teórica da psicanálise e o trabalho com as manifestações inconscientes, compreendendo os desejos, as fantasias, as irrupções no consciente e na relação com o ambiente externo.

Na prática, o método de análise em psicanálise caracteriza-se por abertura, construção e participação, compreendendo um interjogo entre o inconsciente dos sujeitos e dos/as pesquisadores/as (SILVA, 1993). De acordo com nome Figueiredo e Minerbo (2006, p. 274), consiste, portanto, “em efetuar certos recortes que não são arbitrários, pois vão sendo solicitados pela própria análise em andamento e se transformam à medida que a análise transcorre”.

As construções dos dados do presente artigo se constituíram a partir das narrativas decorrentes do trabalho com o material clínico (entrevistas). As transcrições foram desmontadas e recortadas, dando fluxo ao discurso no momento que se apresentou, buscando olhar para o fenômeno investigado fora de seu campo habitual. O olhar do psicanalista que é um olhar fora da rotina, que

desopacifica o objeto, desconstruído e transformado, fazendo com o que o sujeito também seja capaz de ver coisas que não via antes. (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006)

Com base em Figueiredo e Minerbo (2006) é importante ressaltar que na atividade interpretativa, o conteúdo emocional dá o clima e o rumo ao que está sendo analisado e construído, tendo em vista os efeitos transferenciais e contratransferências causados pela pesquisa. O intérprete já está em processo de transformação: afetado pelo que encontrou no material, ele já começa a se pôr em sintonia para empreender sua tarefa de análise.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), e aprovado com o parecer consubstanciado número 2.963.191/2018 e CAAE número 97909818.4.0000.5367.

HISTÓRIAS DE MULHERES NEGRAS E NORDESTINAS NO OESTE CATARINENSE

Para o processo de discussão e análise das entrevistas serão apresentados fragmentos das histórias de vida e de relatos de experiências de cada participante, seguido de interpretações que consideram o processo psicanalítico, os efeitos psicossociais e as possibilidades de resistência ao racismo enraizado na cultura do Oeste Catarinense (Sul Brasileiro). Apoiamo-nos igualmente em autoras que trabalham com o feminismo negro, articulando dimensões de classe, gênero e raça, e apostando na luta antirracista.

Djamila

A participante tem 21 anos, solteira, nascida no Maranhão, há 5 anos morando na Região Oeste. Mãe nordestina e pai gaúcho (nascido no Rio Grande do Sul). Sua vinda foi decorrente do desejo de conhecer uma cultura diferente, ganhar experiências, e aprender a viver sozinha.

Conta que logo que se mudou já presenciou algumas manifestações de racismo, a exemplo de uma entrevista de emprego que participou, na qual era qualificada para a vaga, e a responsável pela seleção disse que preferia dar oportunidade para quem tinha nascido no Sul, pois os nordestinos tinham fama de preguiçosos. Outra situação que presenciou foi a de um cliente, em uma lanchonete da cidade, que quando se exaltou e gritou com o atendente, este o chamou de negrinho fedido.

Aponta que comentários preconceituosos como estes são frequentes e a deixam indignada e com raiva, e que conseqüentemente percebe que impactaram em sua autoconfiança.

Entrevistadora: O que mudou em você por conta do preconceito?

Djamila: Acredito que meu grau de autoconfiança diminuiu, tenho sempre receio quando faço alguma entrevista de emprego e cuido a forma como retrato o meu estado, pois as pessoas daqui gostam de falar de onde elas não conhecem, a

maioria nunca saiu do Oeste e falam como se tivessem propriedade de uma região que eles não conhecem, só por ouvirem falar. (...) Isso é terrível! Não dá pra aceitar!

Na fala de Djamila podemos identificar a internalização do olhar de um outro que representa de forma preconceituosa o nordestino e o negro. Essa relação com o outro, como aponta nome Dunker (2006), retoma o movimento da criança que deve se afirmar pela linguagem, colocando em palavras aquilo que sente e o que quer. Contudo, essas palavras são oriundas deste outro, visto que suas demandas se estabelecem a partir de uma alienação. Ao alienar-se, a criança se apropria do modo cultural deste outro, se identificando com seu desejo, e com isso mantendo certas relações de semelhança com suas demandas. Nesta interiorização de linguagem e do olhar do outro e para si, Djamila conta que por diversas vezes reproduziu comportamentos para não ser alvo de preconceitos e que já tentou se parecer com os sulistas (pessoas nascidas na região Sul), buscando estar sempre bem arrumada, cheirosa e com roupas impecáveis.

Ao incorporar esse suposto discurso racista e xenofóbico, ou omitir-se, o sujeito negro dá início ao processo de auto exclusão. Nesse momento, o preconceito cumpre o seu papel, mobilizando nas suas vítimas, sentimentos de fracasso e impotência, impedindo-as de desenvolver autoconfiança e autoestima (FERREIRA, 2000).

Entrevistadora: Você já tentou se parecer com os sulistas?

Djamila: Eu já tentei, já tentei várias vezes ser parecida com pessoal daqui, com sulistas porque é muito cansativo ser de um lugar diferente, algumas pessoas, querendo ou não, eles fazem com que a gente queira parecer com eles, para que o preconceito acabe sabe, para que a gente comece viver, então acaba tendo isso da gente querer ser parecido com eles, falar menos carregado, se comportar como eles, usar as mesmas coisas que nem chimarrão, e tererê eu já tomava lá porque o meu pai já tinha essa cultura do Sul, mas alguns tipos de música querendo ou não eu me obrigo um pouco a escutar.

Nesta fala, questiona-se em que consiste esta violência de querer parecer com o outro sulista? Para Costa (1984), com base nas palavras da autora Jean Genet (1973), a violência racista do branco é exercida pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, por meio da internalização compulsória e brutal de um Ideal de Ego branco é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo. A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo próprio. Daí por diante o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que foi coagido a desejar. A amargura, desespero ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro.

A discriminação de seu corpo objeto reflete na humilhação sofrida pelo sujeito negro. No momento em que o negro reivindica sua condição de igualdade perante a sociedade, paradoxalmente a imagem de seu corpo surge como um intruso,

como um mal a ser sanado, diante de um pensamento que se emancipa e luta pela liberdade (COSTA, 1984).

Nos relatos de Djamila é possível observar que o conflito de ser nordestina aparece mais acentuadamente do que o fato de ser negra, evidenciando ainda mais diretamente a vivência da xenofobia. Contudo, apesar de por vezes regular seu comportamento e jeitos de se expressar de acordo com a imagem feita do outro sulista, ainda assim, se revolta, não aceita, e busca questionar tal olhar preconceituoso.

bell

A participante possui 28 anos, solteira, nascida na Bahia, e está há 6 anos no Oeste Catarinense. Pais nordestinos, veio para o sul à procura de oportunidade de emprego e a convite de sua prima que já morava na região. Quando convidada para participar da pesquisa, mostrou-se totalmente aberta e disponível, contudo, logo na primeira entrevista não conseguiu falar muito sobre acontecimentos em que sofreu racismo. A participante deteve-se somente a um episódio, que foi a não aceitação do pai de seu namorado com o relacionamento do casal, devido a cor de pele de bell. Tal fato fez com que o namoro terminasse temporariamente, somente retornando meses depois, com a aceitação do pai.

bell conta que trabalha atualmente na área administrativa, que gosta do que faz, embora perceba alguns obstáculos a serem enfrentados todos os dias, por ter a pele negra e cabelo encaracolado. Mesmo assim a participante afirma que não se importa com os comentários preconceituosos e muitas vezes não os identifica, o que podemos inferir que a mesma mostra-se alheia e resistente as possibilidades de reconhecimento de efeitos do racismo. Registramos que bell hesitou por diversas vezes nos contatos para a realização da segunda entrevista, e quando realizada, não quis abordar sobre sua vida no Oeste Catarinense e situações de racismo.

Entrevistadora: Tu percebes efeitos psicossociais do racismo com sua vinda para o Sul?

bell: Não sei te dizer, na verdade eu não dou muita atenção para esse tipo de coisa, fico quieta, na minha, tem pessoas no meu trabalho que não me cumprimentam quando estou sozinha, só quando tem pessoas do lado, noto que é racismo sim, mas eu continuo dando bom dia, boa tarde, sinto dó delas e não de mim. Também vejo comentários sobre preto que é típico na região né, mas como é indiretamente eu não ligo, deixo pra lá, sou mais que qualquer comentário racista.

Neste fragmento, identificamos certa resistência ao processo de entrevista, que pode se relacionar com uma atitude transferencial com a figura da entrevistadora (também mulher, negra e nordestina). Para Nome Freud (1912), a relação transferencial se estabelece como resistência ao trabalho de investigação analítica, em que o paciente tenderia a atuar para não recordar uma experiência reprimida. Isto é, ao colocar em ato o conteúdo reprimido, o paciente se entrega a um movimento regressivo, inconsciente, em vez de controlá-lo conscientemente, mediante o recordar. Neste ponto, o analista se encontra em uma situação difícil,

pois se converteu no destinatário (objeto) da repetição emocional que o paciente engendra justamente para obstruir as lembranças. Permanece nosso questionamento: o que bell insiste em não tornar consciente?

No segundo encontro buscou-se aprofundar situações envolvendo o cotidiano de trabalho e o processo de residir na região, contudo, a participante reafirmou que por mais que as pessoas ajam de modo preconceituoso a mesma não se sente atingida, apesar dos acontecimentos a deixarem pensativa. Quando interrogada sobre possível resistência, responde:

bell: Os olhares das pessoas não me atingem, estou muito bem resolvida (...) estou apressada para voltar a aula. Não sinto esse preconceito a flor da pele, estou tranquila.

Outro fato em que podemos problematizar no texto sobre bell, é a formação reativa, enquanto mecanismo de defesa em que substitui comportamentos e sentimentos que são opostos ao desejo real (BERGERET, 2006). Trata-se de uma inversão clara e inconsciente do verdadeiro desejo. bell se comporta como se não houvesse racismo, mas em vários momentos mostra-se incomodada com fatos que evidenciam experiências com o preconceito.

Virgínia

A participante tem 35 anos, casada, duas filhas, nascida na Bahia e está há 1 ano morando no Sul. Pais nordestinos, veio morar no Oeste Catarinense a convite de sua mãe, que é casada com um gaúcho. Devido a alguns conflitos em seu casamento Virgínia decidiu vir com as filhas morar ao lado da família, no entanto, conta que as filhas não se adaptaram ao local e deste modo irá retornar para a Bahia. Ressalta que é muito difícil viver em uma região majoritariamente branca, em que o preconceito é real, não sendo imaginação ou frescura. Menciona que não se considerava negra, mas parda, como consta em seu registro de nascimento, mas que devido aos vários olhares da branquitude, ela e suas filhas se descobriram negras.

Entrevistadora: Conta um pouco da tua história e como é pra você ser negra no Sul?

Virgínia: Não me considero negra, até quando me perguntam eu costumo dizer que eu sou parda e eu sou parda, embora não goste da palavra porque eu acho que quando se é criança, eu mesmo, comparava pardo com galinha, e só que aí você vai crescendo, você vai descobrindo o porquê você não se encaixa em nenhuma cor, você não é indígena, e nem é negra e nem é branca, eu nasci numa comunidade indígena e era interessante porque depois que comecei a ir na escola eu não conseguia distinguir que cor eu era... (Silêncio)

Entrevistadora: Você se incomoda com os olhares das pessoas?

Virgínia: Sim, porque você fala, parece que as pessoas param pra olhar, no começo é difícil, começar é difícil, eu me incomodava demais, tive dificuldade em sala de aula, eu pensava o que é que eu vim fazer aqui senhor, lá eu tinha uma vida, tinha não, tenho meu marido porque me reconciliei com ele, meus avós, tudo... e aqui, como posso dizer eu tô vivendo,

me defendendo, o tempo todo em alerta ou tendo que me defender, eu tenho que ficar em vigília, ficar observando as pessoas, lá a gente estuda e trabalha sobre racismo porque é importante, mas não é algo que tu vivenciava, ou vivencia né, eu vim saber que eu era considerada negra, aqui, mas não é ruim, eu não acho uma coisa ruim, sabe? O ruim de ser considerada negra aqui é exclusivamente pelo racismo, pelo preconceito.

Por meio desta fala de Virgínia é perceptível certo conflito experienciado com a afirmação de sua identidade. Para Freud (1912), a identidade envolve afetos e representações que o sujeito experimenta e formula como sendo a natureza de seu Eu e do outro, do corpo-próprio e do mundo de coisas e objetos. Estas representações e afetos são transitivos, móveis e múltiplos, pois mudam conforme a posição que o sujeito ocupa nas relações com os outros, posição constantemente cambiante e permutável.

Observamos que frente às identificações culturalmente normativas, impostas pelo princípio da realidade, Virgínia necessita se reposicionar, revendo a formulação de seu Eu, as relações com os afetos e o modo como lida com os outros. Diante destes conflitos com os processos de identificação e vigilância frente ao racismo enfrentado na região, a participante revela:

Virgínia: Uma vez no auditório eu tive que falar numa palestra que teve sobre racismo, o que eu sofri, que eu estava sofrendo, eu que tive que lidar com a situação, com os colegas que não aceitavam a exclusão, até a hora que você tem que se posicionar, porque senão ia ficar louca. Depois que falei me senti mais respeitada, me senti melhor, mais leve.

Destacamos aqui a capacidade de buscar lidar e elaborar tais conflitos, enfrentando e falando sobre o sofrimento que vivenciava pela diferença e exclusão. Eizirik, Aguiar e Schestatsky (2015) mencionam que é pela palavra que o sujeito aprende a dar nome às emoções, a compreender e nomear os sentimentos dos outros, bem como dos objetos do mundo, e transformar-se. Por meio da palavra e do insight que dela resulta o paciente pode atingir melhoras somáticas e mudanças psíquicas desejadas (elaboração). Ao ligar um afeto sentido pela vivência do racismo a uma representação do que acontecia na sua relação com a turma, permitiu promover outras representações, adquirindo novos sentidos, e com isso libertando-se da influência dos mecanismos repetitivos promotores de sofrimento.

Entrevistadora: Você acha que é pela quantidade de pessoas brancas o fato de te verem de forma diferenciada por causa da pele mais escura que elas?

Virgínia: A princípio eu imaginava no sentido, de ser do Nordeste, da visão aqui do Nordeste, que lá só tem negro, quando na verdade não é, era mais nesse sentido mesmo assim, agora eu vejo que é por você ser negra e ser nordestina. Um dia desses a minha filha, me perguntou, de que cor ela era? Eu respondi com outra pergunta, que cor que ela achava que ela era. E ela disse assim: eu pensei que eu era branca, e aí eu disse: e você acha que é de que cor agora? Ela falou assim: que eu sou negra.

Entrevistadora: Ela te questionou?

Virgínia: Sim e eu disse: Porque você acha que você é negra? Ela não me respondeu! E falou assim: Eu acho que então que eu sou parda igual a você. Eu acredito que ela sentiu essa diferença na escola, porque ela conta que na escola ela é excluída pelos colegas.

Destacamos aqui elementos teóricos do feminismo negro para compreender e enfrentar o conflito na constituição da identidade negra. Neste contexto racista, se perpetua a negação de determinados modos de identificação, marcando psicologicamente o sujeito a partir do entrecruzamento no contato com o Outro hegemônico (branco). Desprende-se daí a negação da raça negra, implicando um plano político de destituir o negro da condição de um grupo de interesse, por meio da estratégia de miscigenação, que opera no controle e anulação do sujeito político e de seu potencial de autonomia (CAVALLEIRO, 2001).

Virgínia: Houve um fato, em que um colega falou assim pra minha filha: me empresta um lápis preto, aquele da cor de negro. Aí um outro colega ouviu e disse assim pra ele: Olha o racismo. Eu falei assim: você disse o quê?. Ela respondeu: Nada só emprestei o lápis. Mas eu falei que existem brincadeiras de de fato são engraçadas, mas também existem brincadeiras de cunho pejorativo, que ela precisava começar a identificar.

Compreende-se que à medida que a participante busca reafirmar a identidade negra para a filha, também a auxilia no reconhecimento de racismo e em constituir possibilidades de enfrentamento dos modos de anulação enquanto sujeito. Configura-se com isso uma ação política que pode contribuir para uma mudança pessoal e social.

Angela

A participante tem 34 anos, divorciada, 1 filho, nascida no Maranhão e está há 5 anos morando no Sul. Pais nordestinos. Depois do divórcio e se restabelecendo de uma depressão, decidiu que iria mudar de cidade, quando foi convidada pelo primo que já morava na região a vir a morar no Sul. Conta que ao se mudar, por não conseguir trabalho como professora, profissão exercida desde os 22 anos, seu primeiro emprego na região foi em uma fábrica, em cargo operacional. No momento de sua contratação a responsável pelo recrutamento disse que ela não duraria 1 mês, fato que a participante sentiu como um desafio a permanecer na empresa, apesar de condições de trabalho degradantes. Após 1 ano e meio, conseguiu passar num processo seletivo para vaga professora, fator que lhe deu forças para continuar morando na região. No que tange as experiências com o racismo, a participante comenta:

Angela: Uma vez eu ia passando na frente de um barzinho, perto da padaria, eu ia comprar uns pães e quando eu saí estava lá uma meia dúzia rapazes, quando eu passei por eles, começaram a falar: essa pretinha aí eu não pegaria, as loiras são mais bonitas, são melhores, essas pretinhas eu jamais pegaria. Eu simplesmente segui. Eu não dei nem importância, eu não ia voltar, segui meu caminho normal. (...) Na escola que

eu trabalho tem uma professora que eu sofro, ainda que ela não fala diretamente para mim, mas eu percebo eu e uma outra colega também que é da mesma cor que eu, a gente é muito perseguida, agora até parou um pouco mais, mas no começo ela perseguia muito. Parece que ela se sente incomodada porque estamos na cabeça e nas palavras dela tomando o espaço que era pra ser de alguém da região, diz que os pretos são preguiçosos. No fundo acho que a maioria se sente superior, que somos intrusos, que a gente está aqui, porque de onde viemos estávamos passando necessidades... O racismo é nítido.

Entrevistadora: Como é que você enfrenta tudo isso? Como é ser negra no Sul para você?

Angela: Sou pouco tímida, em algumas situações que eu percebo assim, eu prefiro ficar na minha justamente para evitar sabe, dependendo do que for eu deixo pra lá, finjo que não escuto. Outro dia minhas colegas disseram com ar de deboche que gostariam de ouvir eu falando inglês com meu sotaque. Elas estavam ironizando. São pessoas que eu gosto, elas não perceberam, mas eu fiquei bem triste.

Pode-se perceber que Angela se utiliza da racionalização como mecanismo de defesa psicológico frente aos contextos que refere racismo, buscando explicações para algo que acontece e nos causa desconforto, podendo ser exemplificado como quando um amigo é cruel conosco (BERGERET, 2006). A participante não só racionaliza as ações e as coisas que faz, como também acha razão para suas crenças, modelos, valores e outras estruturas internas e pensamentos, o que causa como efeito um isolamento social.

Somado ao processo de racionalização, registramos um relato sobre as experiências com relacionamentos, o que abre espaço para problematizarmos a questão do corpo da mulher negra:

Entrevistadora: Você já teve algum relacionamento aqui no Sul e como é a tratativa dos homens em relação a você?

Angela: Não tive nenhum relacionamento sério, mas já conheci alguns rapazes e foi bom. Ouço comentários diversos do tipo: ah essa morena, tenho muita vontade de saber como é que é, uma morena dessas na minha cama...

Ainda que nos tenhamos estendido até o final deste artigo, não seria possível pensar a mulher negra, sem termos noção mínima da criação deste corpo, o corpo da mulher negra. Tomamos como enunciado a fala de Angela para problematizar que este foi historicamente destituído de sua condição humana, que alimentava toda perversidade sexual que tinham seus senhores na escravidão. Nesta condição eram desejadas, pois satisfaziam o apetite sexual dos senhores e eram por eles repudiadas pois as viam como criaturas repulsivas e descontroladas sexualmente. Não podiam, pela condição de mercadoria, se vincularem afetivamente, apenas funcionavam como máquinas reprodutoras. (NOGUEIRA, 1999).

Com a fala da participante, percebemos o quanto, ainda hoje, e particularmente na região do Oeste Catarinense, o corpo da mulher negra é objetificado (fetichizado), principalmente no que se refere à sexualidade. Mesmo que aparentemente mais assimilados na cultura brasileira, os negros, em

particular, a mulher negra, se veem aprisionados/as em alguns lugares: a sambista, a mulata, a doméstica, a boa de cama.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre racismo, xenofobia e discriminação de gênero em tempos de intenso discurso de ódio implica em coragem e disposição para a luta e a resistência. Nestes contextos, os movimentos feministas e antirracistas têm contribuído significativamente para desvelar os modos de anulação dos sujeitos políticos (mulheres, negros/as, nordestinos/as), lutando pelo reconhecimento e afirmação da diversidade existente em nosso contexto social.

Ao considerarmos o processo de colonização no sul do Brasil, articulando as dimensões de raça e gênero, podemos ampliar nossos olhares para as manifestações do racismo e seus efeitos psicossociais, a exemplo da formação reativa, isolamento, resistência, racionalização, negação, dor, entre outros que se apresentaram nos discursos e vivências das participantes da pesquisa.

Compreendemos que apesar de elencarmos alguns efeitos psicossociais neste artigo, estes se relacionam com as histórias singulares das entrevistadas, não abarcando uma análise ampliada das relações de poder que engendram o racismo na região. Ainda, cabe reafirmar que as entrevistas não se aprofundaram na história de vida destas mulheres, fato que poderia proporcionar maior densidade ao processo de pesquisa com o método psicanalítico.

Apesar das limitações do estudo, destacamos que, ao lançar o olhar para as diversas realidades que perpassam as mulheres negras e nordestinas que vivem no Sul, propriamente no Oeste Catarinense, podemos tanto evidenciar os privilégios e efeitos da branquitude na região, como visibilizar demandas e maneiras de combater o racismo. Através do contato com as entrevistadas evidenciamos efeitos de uma cultura que propaga o racismo e a xenofobia, ao passo que estas “pretinhas” e “intrusas” demonstram que não se “aquietam”, e a sua maneira, buscam produzir possibilidades de resistência.

As mulheres negras e nordestinas, uma vez que vivenciam experiências de vida que não são comuns a nenhum outro grupo, ocupam uma posição inferior culturalmente, suportando a opressão machista, racista e classista de um padrão normativamente branco. Portanto, frente ao lado obscuro do racismo presente no contexto regional e a necessidade de ampliar as lutas feministas para garantir maiores condições de vida e dignidade das muitas mulheres, é preciso seguir investigando, aprofundando ou contanto mais sobre as histórias dessas mulheres para poder compreender ainda mais a inserção da mulher negra em espaços historicamente de pessoas brancas, como no Oeste Catarinense.

"These intrusive black women who do not shut up": the psychosocial effects of racism suffered by northeastern Brazilian and black women living in the West of Santa Catarina

ABSTRACT

The South Region of Brazil, more specifically the West of Santa Catarina, with a predominantly white population, is the scenario of numerous manifestations of racism in our culture, which is also articulated with gender inequalities and xenophobia. This study aimed to understand the psychosocial effects of racism suffered by northeastern Brazilian women living in the West of Santa Catarina, observing the colonization process and the possibilities of coping with this reality in the local context. The research process involved in-depth interviews with 4 black and northeastern Brazilian women living in cities in the West of Santa Catarina, and analyzing and discussing data using the psychoanalytic method. In general, it can be observed that the normative standards of whiteness impact on the subjectivity and the relations that these women establish with the social reality, causing effects of denial and rejection of the black body, but also configure modes of visibility and resistance.

KEYWORDS: Racism. Psychosocial Effects. Northeastern Brazilian women. Psychoanalysis

“Essas pretinhas intrusas que não se aquietam”: los efectos psicosociales del racismo sufrido por mujeres negras y nordestinas que viven en el oeste de Santa Catarina”

RESUMEN

El sur de Brasil, especialmente en el oeste de Santa Catarina, por ser compuesto por una población mayoritariamente blanca, es escenario del racismo y xenofobia. Este estudio tiene por objetivo comprender los efectos psicosociales del racismo sufrido por mujeres nordestinas que viven en el Oeste de Santa Catarina, observando el proceso de colonización y la posibilidad de enfrentamiento de esta realidad en el contexto local. El proceso de investigación involucró entrevistas en profundidad con 4 mujeres negras y nordestinas, que viven en ciudades del oeste catarinense. Los análisis y la discusión de los datos se dan a partir del método psicoanalítico. De modo general, se puede observar que el padrón normativo de la “branquitude” impacta en la subjetividad y en las relaciones que estas mujeres mantienen con la realidad social ocasionando efectos de negación y rechazo del cuerpo negro, pero también configuran modos de visibilidad y resistencia.

PALABRAS CLAVE: Racismo. Efectos psicosociales. Mujeres nordestinas. Psicoanálisis.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos de maneira especial às participantes desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Xenofobia**: medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação na Instituição Educativa**. Tradução de Estela dos Santos Abreu com colaboração de Maria Wanda Maul de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

BERGERET, Jean (Org.). **Psicopatologia**: teoria e clínica. Porto Alegre: Artmed, 2006

CAVALLEIRO, Eliane dos S. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**. São Paulo: Summus. 2001.

CORRÊA, Juliana.; HAUSEN, Denise Costa. O método de pesquisa que Freud criou – sobre a pesquisa psicanalítica na universidade. **Revista Perspectiva**, Erechim, v. 31, n. 116, p. 17-28, dez. 2007.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

DAVIS, Ângela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. **Geledés**, 2011, Disponível em: <http://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-deumanova-utopia-angela-davis/gs.rntsoni.semgh6c>. Acesso em 10/11/2018.

DALL' ALBA, João Leonir. **Imigração italiana em Santa Catarina**: documentário. Porto Alegre: EDUCS, 1983. p. 105-514.

DUNKER, Christian. I. L. O Nascimento do Sujeito. **Viver Mente e Cérebro**. São Paulo. v.2, p. 14 - 26, 2006.

EIZIRIK, Cláudio; AGUIAR, Rogério; SCHESTATSKY, Sidnei. **Psicoterapia 24 de orientação analítica**: fundamentos teóricos e clínicos. Porto Alegre: Artmed, 2015.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente, identidade em construção**. São Paulo: EDUC Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **J. psicanal.**, v.39, n.70, p. 257-278, 2006.

FREUD, Sigmund. **A dinâmica da transferência**. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, Edição Standard Brasileira, Vol. XII. 1976, 1914, p. 129-143.

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, Edição Standard Brasileira, Vol. XII. 1976, 1912b, p. 145-159.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, Edição Standard Brasileira, Vol. XII.1976, 1912^a, p. 193-203.

FURLAN, Reinaldo. A questão do método na psicologia. **Psicol. estud.** [online]. 2008, vol.13, n.1, p. 25-33.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana 2**. A interpretação do sonho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

NOGUEIRA, Isildinha B. O Corpo da Mulher Negra. **Pulsional Revista de Psicanálise**, ano XIII, nº 135, p. 40-45, 1999.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo Negro para um novo marco civilizatório. **Uma Perspectiva Brasileira**, v.13, n.24, p. 99 – 104, 2016.
Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>. Acesso em 07/11/2018.

ROSA, Miriam. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v. 4, n.2, p. 329-348, 2004.

SANTOS, Alessandro; GOMES, Lais Barbosa; MUNOZ, Bruna Lanzoni; MAIA, Rodolfo Luiz Almeida. Marcos regulatórios sobre relações raciais e racismo: instrumentos para atuação do(a) psicólogo(a). **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, v. 2, num. esp., p. 16-27, 2015.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 83 – 94, 2014.

SILVA, Denise Quaresma. A pesquisa em psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 39, p. 37-45, jul. 2013.
Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 set. 2018.

SILVA, Maria Lúcia Da. Como a vivência cotidiana do racismo pode se converter em traumas. **Revistacult**, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/como-a-vivencia-cotidiana-do-racismo-pode-produzir-traumas/>. Acesso em 15 set. 2018.

TELLA, Marco Aurélio Paz. Estigmas e desqualificação social dos negros em São Paulo e Lisboa. **Ponto-e-Vírgula**, São Paulo, v.3, p. 152-169, 2008.

Recebido: 31 jan. 2019.

Aprovado: 05 abr. 2019.

DOI: 10.3895/cgt.v12n40.9507

Como citar:

KÖFER, Erika Fernanda; SCHUCK, Anderson Luis; RISSON, Ana Paula; MAHL, Álvaro Cielo. "Essas pretinhas intrusas que não se aquietam": os efeitos psicossociais do racismo sofrido por mulheres negras nordestinas que moram no oeste de Santa Catarina. *Cad. Gên. Technol.*, Curitiba, v.12, n. 40, p. 45-61, jul./dez. 2019.

Correspondência:

Erika Fernanda Köfer. UNOESC. Curso de Psicologia. Rua Oscar Ervino Keil, 443 - Bairro Bela Vista. Pinhalzinho - SC - CEP 89870-000.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

